

10^o Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política

30 de agosto a 02 de setembro

Belo Horizonte

Área temática: Pensamento Político Brasileiro

**RAÍZES DO BRASIL E SOBRADOS E
MUCAMBOS: 80 ANOS DE CONTATOS E
DISTANCIAMENTOS**

AUTOR: MATEUS LÔBO DE AQUINO MOURA E SILVA¹

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

¹ Mestrando pelo Instituto de Ciência Política da UnB. Contato: mateuslobo@yahoo.com.br

RESUMO: O ano de 2016 marca os 80 anos de publicação de *Raízes do Brasil* e de *Sobrados e Mucambos*. Ambos são esforços de sistematização de um “ser nacional”, de sua psicologia e das instituições por ele forjadas. *Sobrados e Mucambos*, publicado por Gilberto Freyre como sequência da trilogia “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”, analisa as décadas iniciais do século XIX e os conflitos político-sociais de uma sociedade passava de rural à urbana; *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, olhando também o processo de urbanização, busca no passado a fonte de um personalismo cordial que limita o desenvolvimento de uma democracia calcada em mecanismos racionais-legais no país. Sem pretensões de esgotar o tema ou perspectivas críticas aos autores, neste trabalho, pretendemos oferecer um panorama de ambos os livros e apontar eventuais aproximações e afastamentos entre eles.

Palavras-chave: identidade nacional, urbanização, cordialidade, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda

Entender o Brasil, seu povo, sua coletividade imaginada, não é um esforço recente no nosso país, em 1840 Von Martius² já delineava os caminhos para que tal tarefa fosse bem sucedida. Contudo, há aqueles que o fazem com mais força, com maior capacidade explicativa. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda certamente pertencem a este seleto rol, ambos sobressaindo-se em um tempo em que muitos queriam compreender a formação da sociedade e do estado nacional em um país mestiço e de recente passado escravocrata e patriarcal. Mas a leitura do clássico prefácio de 1967 de Antônio Candido à Raízes do Brasil (RB) pode ajudar a entender por que eles e não outros foram melhores sucedidos na tarefa de entender o Brasil.

Ali é possível ler que Freyre, com *Casa-grande & senzala* de 1933, e Holanda com *Raízes* em 1936, além de Caio Prado Júnior com *Formação do Brasil Contemporâneo* em 37, representam o “sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930”. Gilberto sendo uma ponte entre os antigos intérpretes do Brasil e a nova ciência social que surgia no país, mas com uma linguagem livre, falando de sexo, revelando a influência do negro em uma sociedade que só conhecia o branco. Já Sérgio, com fontes e perspectivas diferentes de Freyre, fornecia não só elementos para a compreensão das nossas raízes, mas do presente, que oscilava entre a direita e a esquerda autoritária, além de fornecer uma saída democrática ao Brasil. Para Candido, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque, juntamente com Caio Prado, “traziam a denúncia do preconceito de raça, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos ‘patriarcais’ e agrários, o discernimento das condições econômicas, a desmistificação da retórica liberal”³.

Fernando Henrique Cardoso, então senador e Ministro das Relações Exteriores, em aula magna aos ingressantes da carreira diplomática de 1993, também ressalta o papel revolucionário de ambos os autores aqui em análise. Para Cardoso, Freyre, diferentemente de seus antecessores, falou do cotidiano, da cozinha, da vida sexual, da mestiçagem, dimensões não muito presentes para os intelectuais brasileiros de então, segundo ele⁴. Holanda, entretanto, seria para Cardoso mais inovador que Freyre, pois teria formulado um pensamento mais democrata, mais preocupado com a mudança e em delinear uma saída não autoritária para o Brasil.

² Em 1840, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) propôs um concurso de como se deveria escrever a história do Brasil. O alemão Karl F. Von Martius foi o vencedor.

³ CANDIDO, Antonio. “O significado de raízes do Brasil”. In: Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010. pp.9-21.

⁴ Importante ressaltar que Cardoso aqui está se referindo ao Gilberto de *Casa-grande & senzala* (CGS), 1933. *Sobrados e Mucambos* (SM) seria publicado três anos depois. Entretanto, os temas de CGS, como ressaltou o próprio Freyre, “transbordam” para SM, “continuação antes lógica que cronológica” para ele do ensaio de 33.

“É muito significativo que toda a construção intelectual do livro termine com uma pergunta: o que podemos fazer para construir uma sociedade mais democrática? (...). A resposta de Sérgio Buarque não é pessimista. Ele não se limita a descrever uma situação definida por uma ‘herança histórica’. Especula sobre alternativas democráticas. Escrito em 1936, isso era raríssimo. Sérgio se coloca contra a onda dominante, que ou era fascista ou comunista. Seu livro é radicalmente democrático. E faz também a crítica da liberal-democracia cabocla, mostrando que ela era outra forma de poder pessoal disfarçada em belas palavras, perfeitamente assimiláveis pela elite de poder no Brasil, que aceita, do ponto de vista abstrato e ideológico, a posição liberal-democrática, mas que se esquece dos fundamentos sociais necessários para a existência de uma situação democrática efetiva.”
(CARDOSO, 1993, p.29).

É preciso ponderar, contudo, que tais comparações de superioridade e inferioridade tornam-se de difícil sustentação quando os dois autores, embora tratando de uma mesma sociedade, um Brasil escravocrata e patriarcal em suas origens, e de um mesmo processo, a urbanização de um país rural, o fazem sob pontos de vista diferentes⁵. Introduzidos nossos dois autores e o caráter inovador que representaram, mas tentando fugir de hierarquizações, vejamos nas próximas sessões diferenças e aproximações que marcam os ensaios de 1936 de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

*

Autenticidade vs inautenticidade

Iniciar a comparação aqui pretendida entre Sobrados e Mucambos e Raízes do Brasil (RB) demanda uma volta à Casa-grande & senzala. Isso porque, além de Sobrados e Mucambos ser uma continuação de CGS, invariavelmente temas que dão suporte à teoria expressa em Raízes, ou seja, a de que somos uma cultura permeada por personalismos invadindo a esfera pública, já aparecem no ensaio de 1933 de Freyre. A autenticidade ou não da nossa experiência nacional é um desses temas. Nesse sentido, se em Raízes a experiência colonial nos trópicos não produziu frutos e permanência cultural, sendo o modelo de sociedade praticado no país um tipo importado e pouquíssimo adequado ao ambiente tropical, em Casa-grande e nas obras seguintes de Freyre se estabeleceu no

⁵ Jessé Souza (2015) incorre na mesma hierarquização do “quem é melhor” de Cardoso, mas invertendo a equação, quem seria superior é Freyre em relação à Holanda, que seria apenas um “filho bastardo ressentido” de Freyre.

Brasil uma sociedade com características nacionais. Comparemos os parágrafos de abertura de RB e CGS:

“A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.” (HOLANDA, 2010, p.31).

“Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão nos trópicos.” (FREYRE, 2006, p.65).

São trechos que demonstram uma diferença importante entre os dois intérpretes: para Freyre, tanto em CGS, que trata do período inicial de formação da sociedade brasileira, quanto em SM, com enfoque nas décadas iniciais do século XIX, as relações sociais e comportamentos culturais europeus foram ressignificados no meio tropical quando em choque com os valores indígenas e africanos⁶, contribuindo para isso a plasticidade do português, ele já um mestiço para Freyre.

Esse elemento da plasticidade do português também aparece em Holanda, porém significará para ele comodismo, uma rápida forma de adaptação sem vontade criativa a um meio estranho ao europeu. De modo que um aspecto fundamental do “caráter nacional” é sua quase incapacidade de recriar as formas herdadas dos nossos colonizadores, sendo o personalismo ibérico permanente no Brasil para Holanda o maior exemplo disso. Assim, se o português de Gilberto é uma força criadora constante, para Sérgio Buarque ele é um tipo aventureiro sem pretensões de estabelecer empresas coloniais guiadas pela razão, pois “mesmo em seus melhores momentos, a obra realizada no Brasil pelos portugueses teve um caráter mais acentuado de feitorização do que de colonização.” (HOLANDA, 2010, p.107), o que afeta até a urbanização, tema da próxima sessão, que se fará de forma desorganizada e pouco racional, quando em comparação com o processo de organização das cidades realizado na parte espanhola do continente americano.

⁶ Como lembra Araújo (2005[1994]), o ineditismo de Gilberto Freyre reside no fato de ele reconhecer o valor da contribuição cultural indígena e negra para a formação de uma identidade legitimamente brasileira – até então a mestiçagem era encarada como essencialmente negativa – e de articular um sentimento de comunidade a partir de um “equilíbrio de antagonismos”. Expressão cara à Freyre, sempre aparecendo, na leitura de Araújo, para indicar que a nossa experiência colonial não se construiu em polos estanques, mas com a interpenetração de experiências culturais diversas.

A urbanização

Se há um tema que liga Sobrados e Mucambos e Raízes do Brasil é a análise do processo de urbanização que o país assistiu a partir do século XIX, tendo consequências diferentes para cada um de seus autores. Em SM, Gilberto Freyre alerta que a urbanização, iniciada de forma definitiva para ele com a vinda da família real em 1808, implicou em europeização de um território que permaneceu relativamente isolado da Europa quase 3 séculos. A urbanização, trazendo novos atores e interesses à arena pública que não os rurais, implicou para ele o início da desintegração do sistema patriarcal; a cidade e o estado começaram a dividir o poder com os antes todo-poderosos senhores de engenho, resultando em maiores conflitos e, ironicamente, maiores distanciamentos sociais. Como nos lembra Da Matta, “o Brasil de Gilberto não é uma engrenagem mecânica, tocada pelas leis da história ou da economia: tem alma, intriga, calor, gosto incoerência, sussurro, discurso e coração.” (DA MATTA, p.12). Daí capítulos em SM como “O pai e o filho”, “A mulher e o Homem”, “O Oriente e o Ocidente”, “Raça, classe e religião”, revelando uma miríade polifônica de conflitos num Brasil que começava a urbanizar-se.

“(...) a simples presença de um monarca em terra tão antimonárquica nas suas tendências para autonomias regionais e até feudais, veio modificar a fisionomia da sociedade colonial; alterá-la nos seus traços mais característicos. Uma série de influências sociais – principalmente econômicas –, algumas anteriores à chegada do príncipe, mas que só depois dela se definiram ou tomaram cor, começaram a alterar a estrutura da colônia no sentido do maior prestígio do poder real. Mas não só do poder real – que se avigorou, mesmo nas mãos moleironas de D. João; também das cidades e das indústrias ou atividades urbanas. Também estas se avigoraram e ganharam maior prestígio.” (FREYRE, 2006, p.106)

Assim, não por acaso, o cenário analisado por Gilberto em SM não é mais somente o campestre da Casa-grande e da senzala, a paisagem social muda de rural à urbana e as relações sociais também, maiores antagonismos se estabelecem entre dominadores e dominados. As zonas cotidianas de confraternização do ambiente de excessos da Casa-grande se transformam agora em apenas momentos esporádicos de confraternização, como nas procissões e no carnaval; sobrado “e” mucambo, sem o “&”, como em “Casa-grande & senzala”, símbolo que passa a ideia de junção, de trocas mais próximas.

“Quando a paisagem social começou a se alterar, entre nós, no sentido das casas-grandes se urbanizarem em sobrados mais requintadamente europeus, com as senzalas reduzidas quase a quartos de criado, as moças namorando das janelas para a rua, as aldeias de mucambos, os ‘quadros’, os

cortiços crescendo ao lado dos sobrados, mas quase sem se comunicarem com eles, os xangôs se diferenciando mais da religião Católica do que nos engenhos e nas fazendas, aquela acomodação quebrou-se e novas relações de subordinação, novas distâncias sociais, começaram a desenvolver-se entre o rico e o pobre, entre o branco e a gente de cor, entre a casa grande e a casa pequena. Uma nova relação de poder que continua, entretanto, a ser principalmente o dos senhores, o dos brancos, o dos homens. Maiores antagonismos entre dominadores e dominados. Entre meninos criados em casa e moleques criados na rua (sem a velha zona de confraternização entre as duas meninices que fora a bagaceira nos engenhos). Entre a dona de casa e a mulher da rua. Entre a gente dos sobrados e a gente dos mucambos.” (Ibidem, p.31)

Uma indagação justa é se Gilberto Freyre não estaria um sendo saudosista ao teorizar que haveria menores distanciamentos no patriarcalismo rural do que em sua feição urbana decadente, querendo mesmo uma volta ao Brasil colônia. Araújo (2000; 2005 [1994]) tem uma resposta convincente para isso. Ele argumenta que, embora haja sim algum tipo de saudade do passado em Freyre, o que está em jogo para Gilberto é que a proximidade, a ambiguidade, que marcam os primeiros séculos da formação brasileira começaram a ruir em um gélido ideal de distância racionalizante com a urbanização.

“Não há, é lógico, nenhum projeto [em Gilberto Freyre] de se retornar à experiência colonial. Não é disso que se trata, mas simplesmente de chamar a atenção para uma modernidade que impõe, entre nós, por [uma] via estetizante e excludente, uma regra única que não aceita variedade e que, portanto, envolve a permanente eliminação daquilo que é diferente.” (ARAÚJO, 2000, p.45)

Perspectiva completamente diferente da urbanização terá Holanda. Para ele a urbanização – decisiva a partir de 1888 com o fim da escravidão e não a partir de 1808 como é para Gilberto – implica rompimento com o patriarcalismo e conseqüentemente com os personalismos da vida rural. Sendo a porta de entrada para uma “revolução lenta, mas segura e concertada”, que deveria culminar no aniquilamento de nossas raízes ibéricas e de seus fundamentos personalistas. Contudo, “a forma visível dessa revolução não será, talvez, a das convulsões catastróficas, que procuram transformar de um mortal golpe, e segundo princípios de antemão formulados, os valores longamente estabelecidos.” (HOLANDA, 2010 [1936], p.180). De modo que o desenvolvimento urbano-industrial, que é sinônimo de modernidade positiva para Holanda, exigiria rompimentos com hierarquias e a conseqüente instituição de mecanismos racionais-legais de acesso a bens e direitos, cenário atingido em sua plenitude somente com a Abolição para Holanda, como, abaixo, recorda Sallum Jr. (2012).

“A Abolição quebrou, pois, a hierarquia social anterior e abriu espaço para avanços da cidadania, embora os diretamente beneficiados por ela, os

escravos, encontrassem depois outras barreiras — inclusive a da discriminação racial — para participarem vantajosamente das transformações sociais em curso. A Abolição não foi, assim, mero acréscimo quantitativo àquilo que Sérgio Buarque de Holanda chamava de ‘nossa revolução’. Ela transformou a velha ordem social e acelerou a emergência de uma sociedade que entraria aos poucos em contradição com a esfera política — ainda oligárquica — e com a cultura política — dominada pelo personalismo. O surgimento de elementos novos, gerados pela expansão mercantil e especialmente pela constituição de uma sociedade urbano-industrial, tendia a acentuar o caráter limitado e excludente do arranjo oligárquico que o Brasil experimentava desde a Independência, fosse sob instituições monárquicas ou liberal-republicanas. (SALLUM Jr., 2012, p.52).

*

O Homem Cordial

A ideia-força e de maior vitalidade em Raízes do Brasil é a de que somos uma cultura personalista, encarnada no “homem cordial”⁷, que sendo expressão do meio rural, onde prevaleceria a emoção sobre a racionalidade, é alguém movido pelo coração e trata a coisa pública como privada (cf.FERREIRA, 1996). O desaparecimento dessa cordialidade em nome da racionalidade é um ponto fundamental para atingirmos a democracia no país para Holanda. Isso porque, o indivíduo cordial é mais propenso a gerar desigualdades, ele trata diferentemente amigos e inimigos quando na esfera estatal, e nos distancia do ideal de isonomia da democracia moderna. Gilberto Freyre também nos falará de um homem cordial, citando diretamente Holanda, como poderemos ler a seguir:

“A simpatia à brasileira (...); o ‘homem cordial’ a que se referem os Srs. Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda – essa simpatia e essa cordialidade, transbordam principalmente do mulato. (...). Ninguém como eles é tão amável; nem tem um riso tão bom; uma maneira mais cordial de oferecer ao estranho a clássica xicrinha de café; a casa; os préstimos. Nem modo mais carinhoso de abraçar e de transformar esse rito como já dissemos orientalmente apolíneo de amizade entre homens em expansão caracteristicamente brasileira, dionisiacamente mulata, de cordialidade. (...). Evidentemente, o brasileiro que tem sua pinta de sangue africano ou alguma coisa de africano na formação de sua pessoa; não o branco ou o ‘europeu’ puro, às vezes cheio de reservas; nem o caboclo, de ordinário, desconfiado e que ri pouco. Essa simpatia do brasileiro – evidentemente maior no mulato “em quem a linfa ariana” – (...) não nos parece ter origem principalmente étnica. (...). Mas o que el[a] exprime parece que é principalmente um

⁷ Gusmão (2012) lembra que ao criar tipos humanos, como o aventureiro e o homem cordial, que atravessam toda a história brasileira, Sérgio Buarque gera incorreções apriorísticas e empiricamente insustentáveis. Para Gusmão, a necessidade de Sérgio para enquadrar a análise dos fatos na teoria que montou faz com que ele deduza, muitas vezes, um conjunto de padrões e comportamentos de arquétipos nacionais que não encontram lastro na história econômica e social.

desenvolvimento ou uma especialização social. Terá se desenvolvido principalmente – como já nos aventuramos a sugerir – dentro das condições de ascensão social do mulato: condições de ascensão através da vida livre e não apenas nas senzalas e nos haréns dos engenhos; mas tendo por pontos de partida essas senzalas e esses haréns.” (FREYRE, 2006 [1936], p.791).

O que esse trecho evidencia é que a cordialidade para Freyre, em vez de ser um tipo quase imutável passando de geração a geração e tomando toda a sociedade, é um modo que especificamente o mulato livre encontrou para ascender socialmente. A cordialidade para Gilberto é antes uma reação no plano social, não no político, como certamente nos informa Pedro Meira,

“O homem cordial expressa portanto, no ensaio de Sérgio Buarque, uma espécie de encruzilhada do tradicional e do moderno, mas no plano político, não no moral. Essa é uma inversão que de certa forma faz Gilberto Freyre, quando se utiliza da ideia da cordialidade. Porque esse homem cordial de Sobrados e Mucambos, esse ‘mulato cordial’, coloca-se sobretudo no plano moral. Ele é sorridente, simpático, conciliador, no campo das relações pessoais. Portanto ele é uma promessa para o futuro. Ou antes, é a garantia de um equilíbrio que vinha se perdendo” (MEIRA, 2000, p.167).

Desse modo, se a impessoalidade era encarada como positiva por Holanda, em Freyre ela representa distanciamento e homogeneização das relações sociais, “interrompe-se, com isso, o equilíbrio de antagonismos marca da sociedade colonial [freyriana] e abre-se espaço para conflitos que se explicitam tanto no espaço privado quanto no público.” (BASTOS, p.25, 2005). Nesse sentido, o fim das relações cordiais, da personalidade, tão desejada por Holanda seria o fim da dos processos de acomodação, de plasticidade social, vistos como característicos e essenciais da cultura brasileira por Freyre e tão bem expressos no mulato (cf. Ferreira, 1996). O que mais uma vez nos mostra que se Gilberto e Sérgio tratam dos mesmos temas, o patriarcalismo, a urbanização, a cordialidade, eles se distanciam na análise deles. Fato sempre condicionado pela escolha de Gilberto Freyre por contemplar o passado sem querer romper unilateralmente com ele, porque isso implica a quebra de antagonismos em equilíbrio, e pela escolha de Sérgio Buarque de olhar o mesmo passado com a perspectiva de rompimento e sempre guiado pela pergunta de qual é o nosso destino democrático futuro.

Considerações Finais

Pretendemos neste trabalho, a partir de uma abordagem metodológica comparativa entre os livros *Sobrados e Mucambos* e *Raízes do Brasil*, estabelecer possíveis aproximações e distanciamentos entre estas duas obras publicadas no ano de 1936. A tarefa aqui pretendida foi realizada a partir da análise de três eixos temáticos presentes em ambos os ensaios, quais sejam: “autenticidade vs inautenticidade”; “urbanização” e “cordialidade”. O que fica claro é que se Gilberto Freyre e Sérgio Buarque se aproximam nos temas que tratam, distanciam-se quando os analisam. São estudos que inovaram em seu tempo pela defesa da democracia, *Raízes do Brasil*, e pela defesa de uma sociedade híbrida, *Sobrados e Mucambos*. Freyre e Sérgio Buarque, como nos diz Antonio Candido, representam um sopro de radicalismo e modernidade, informando até hoje o melhor da nossa produção intelectual. Se eles não explicam totalmente, indicam minimamente elementos de unidade em um mundo cada vez mais carente de singularidade e autoafirmação.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30”. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. “Sobrados e Mucambos e *Raízes do Brasil*”. In: Maria do Carmo Tavares de Miranda (Org.). *Quem somos nós? 60 anos sobrados e mucambos.*, Recife, Editora Massangana, 2000. pp.35-46.

BASTOS, Elide Rugai. “O tema da decadência em *Sobrados e Mucambos*”. In: Maria do Carmo Tavares de Miranda (Org.). *Quem somos nós? 60 anos sobrados e mucambos.* Recife, Editora Massangana, 2000. pp.121-145.

_____. “*Raízes do Brasil, Sobrados e Mucambos: um diálogo*”. *Perspectivas*, São Paulo, 28, 2005

CARDOSO, Fernando Henrique. “Livros que inventaram o Brasil”. *Novos Estudos*, nº37, 1993.

DA MATTA, Roberto. “O Brasil como morada: apresentação para *Sobrados e mucambos*”. In: Gilberto Freyre. *Sobrados e Mucambos*, São Paulo: Global, 2006.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna*. Lua Nova. 1996, n.37.

FREYRE, Gilberto. "Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal". São Paulo: Global, 2003.

_____. "Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano". São Paulo: Global, 2006.

GUSMÃO, Luis Augusto Sarmiento Cavalcanti de. "O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social". Rio de Janeiro, Topbooks, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Raízes do Brasil". São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

MEIRA, Pedro. "Raízes rurais da família brasileira: Um diálogo a partir de Raízes do Brasil e Sobrados e Mucambos". In: Maria do Carmo Tavares de Miranda (Org.). Quem somos nós? 60 anos sobrados e mucambos. Recife, Editora Massangana, 2000. pp.147-169

SALLUM Jr.. "As raízes do Brasil e a democracia". Rio de Janeiro, Sinais sociais, v.7 nº19, 2012.

SOUZA, Jessé. "A tolice da inteligência brasileira: ou como o país de deixa manipular pela elite." São Paulo, Leya, 2015.